



I CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO

I SECÇÃO

ORGANIZAÇÃO DO TURISMO EM PORTUGAL

TESE APRESENTADA POR DIOGO J. DE MATTOS



LISBOA

1 9 5 6





I CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO

I SECÇÃO

ORGANISAÇÃO DO TURISMO EM PORTUGAL

TESE APRESENTADA POR DIOGO J. DE MATTOS



LISBOA

1 9 3 6

E.S.H.T.E.
Nº INV. 8066

BIBLIOTECA CELESTINO DOMINGUES	
Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril	
Registo nº 11029	Entrada em 28/08/2014
Cota: CND 35	

Tem-se escrito já bastante em Portugal sobre Turismo, mas, para procurar pôr a questão no campo das realizações práticas, entendo dever dizer, desde já, que aquilo que se tem realizado até hoje, pouco é em comparação com o muitíssimo que se pode e deve fazer para que o Turismo entre nós atinja o desenvolvimento natural que se impõe.

Matéria prima não nos falta como esplêndida base, para que Portugal seja um grande centro de turismo.

Falam bem alto, para isso, o nosso clima, a luz do sol que encanta todos os estrangeiros, a privilegiada situação geográfica que ocupamos e os magníficos, diferentes e sempre belos panoramas que o nosso país oferece a quem o visita. Lisboa recebe por ano, entre 500 a 600 paquetes de passageiros, e só esta esplêndida circunstância é de molde a fazer ver quanto o nosso país pode aproveitar, em matéria de turismo, encaminhando-se bem esta importantíssima questão.

Com o objectivo de turismo, muitas localidades do nosso país se têm aformoseado, mas, ninguém deve ter ilusões supondo que o estrangeiro se poderia interessar por vêr tudo quanto na nossa terra se suponha, entre nós, merecer a atenção de ser visitado.

Como turismo nacional, incontestavelmente que a facilidade de comunicações, a economia e a boa organização dos transportes, a par dos atractivos que ofereçam certas localidades, com bons hotéis e boas pensões, pode chamar-se para tudo a atenção principalmente dos portugueses, e isso é excelente como turismo interior. Mas, é para os estrangeiros, principalmente, que temos de tudo bem preparar e sem querer especializar nem fixar nenhuma cidade ou vila onde já haja conforto em hotéis, direi que não há nada mais aborrecido para um turista que saiba viajar, do que não encontrar no hotel em que se instale boas casas de banho e bons quartos confortáveis e com lavatórios modernos, de cujas torneiras saia, em abundância, água quente e fria.

Poderia eu citar hotéis em Portugal, onde se está muito bem, e outros onde se está rasoavelmente, e até outros onde se está mal.

Não o farei para não ferir susceptibilidades. Mas, em matéria de turismo, vindo a pensar-se muito seriamente em tratar dêle, devia usar-se de rigor para os hotéis que verdadeiramente queiram ter jus a ser considerados bons, como já há muitos.

Permitido-me seja ao entrar naquillo que chamarei grande turismo, deixar consignados aqui os meus cumprimentos aos meus colegas da Comissão de Propaganda do Turismo de Portugal no Estrangeiro, Comissão que tendo trabalhado bastante, teve a honra de vêr nascer o gosto pelas excursões a Lisboa, por via marítima. Cabe aqui expôr, que o Administrador Delegado duma das mais importantes Companhias de Navegação, cujos paquetes fazem há longos anos, carreira por Portugal, num almoço realizado em uma legação estrangeira em Lisboa, e estando eu presente, disséra ao Ex.^{ma} Presidente da mencionada Comissão, que, tudo quanto lhe fôsse exposto de Lisboa ácerca de turismo, por Portugal, seria seguido pelos paquetes da mesma companhia. Mostra isto, o muito que se pode fazer em matéria de turismo, quando tudo bem organizado, bem dirigido e bem aproveitado.

Nos ultimos anos, o número de vapores que vieram ao Tejo, em serviço exclusivo de cruzeiro, foi o seguinte:

Em 1932		81 vapores com 43.180 excursionistas		
» 1933		124 »	» 52.301	»
» 1934		120 »	» 56.570	»
» 1935 (até 30 de Setembro)		102 »	» 47.349	»

E o número de passageiros em transitio, em paquetes de carreiras regulares pelo nosso porto, foi o seguinte:

Em 1931		97.498 passageiros		
» 1932		91.565	»	
» 1933		76.076	»	
» 1934		72.165	»	
» 1935 (até 30 de Setembro)		45.508	»	

Fixemos bem a atenção nêstes números e examinemos agora a questão, sob o ponto de vista paquetes de cruzeiros.

Aos excursionistas que vêem nêstes paquetes, mostra-se, a correr, a Capela de S. João Baptista, o respectivo Museu, os Jerónimos, o Museu dos Coches, um pouco de Lisboa, mas de passagem, Sintra, Palácio da Vila e da Pena, Monserrate, Cascais e Estoris.

Saem os excursionistas de bordo do vapor, partem logo todos em automóveis, e mal a atenção se lhes pode fixar bem em qualquer ponto, pois tudo se fez a correr.

Precisava de ser bem estudado êste assunto de excursões — mesmo para que o comércio da capital pudesse aproveitar e efectuar vendas, que por certo realizaria, se aos excursionistas fôsse dada a possibilidade de passear um pouco a pé, pela cidade, digamos, na Baixa e no Chiado, o que não succede com o plano de excursões que está em vigor. Tudo se faz, como já expuz, não tendo o excursionista tempo de se deter em Lisboa.

Êste fácil estudo devia fazer-se, e também o de estabelecer bem qual deveria ser o preço razoável a pagar pelas excursões que se realizem, estudando a questão económica, e organizando as coisas por forma tal que o excursionista não passasse por Lisboa com tal rapidez, que não lhe fôsse possível reter bem na memória o que visse, apreciando tudo no seu justo valor, ou que não realize a excursão porque se lhe faz um preço caro.

Há muito que fazer sobre turismo, inclusivamente na questão automóveis e autocars. Quanto mais baratas fôrem as excursões, mais facilmente se chamará para elas a atenção do forasteiro.

Aproveitando a situação privilegiada que Portugal ocupa na Europa, pode e deve chamar-se ao nosso país muitissimos turistas, estabelecendo programas bem práticos, mas, regularizando êste assunto por forma a ter bem em linha de conta que o turista só pague o que seja justo e veja o que seja interessante, compenetrando-se bem toda a gente que hoje a maioria dos turistas são os remediados e não os ricos.

Êste capítulo presta-se a um grande estudo prático, e como tem a parte verdadeiramente turística de ser encarada sob o ponto de vista do trabalho de propaganda no estrangeiro e no país, adiante deixarei indicado o meu parecer acerca de uma organização que deve compreender:

Estudo com tôdas as companhias de navegação estrangeiras, cujos paquetes venham a Portugal, quer em viagens de cruzeiro, quer de carreira, Companhias de Caminhos de Ferro Portuguezas e Estrangeiras, Empresa de Automóveis e Autocars, Agências de Viagens no Estrangeiro, etc., etc., por forma que:

a) — Os viajantes, vindos da América do Norte ou do Sul e da Europa, etc., tomem conhecimento, em todos os pontos de embarque, do que podem visitar em simples excursão ou em turismo por Portugal, com programas estabelecidos a preços fixados, e tudo em condições a permitir;

b) — que os viajantes, desembarcando em Leixões ou em Lisboa possam regressar por mar ou por terra, á sua livre escôlha, após a visita aos pontos que queiram vêr, e regressando por mar, que o possam fazer em qualquer

vapor, que não seja o mesmo da companhia em que tenham vindo, para o que se torna necessário;

c) — um acôrdo entre tôdas as companhias por forma a facilitar que em programas combinados, o turista saiba que, pagando uma determinada importância, tem direito á viagem por mar ou por terra, a hotel, e á visita de determinados pontos do país.

Trata-se dum trabalho de grande propaganda, mas que, a fazer-se, deve ser realizado, tendo em vista atrair o turista a Portugal e deixando-lhe uma boa impressão da economia e da excursão.

Uma vez satisfeitos, uns chamarão os outros, e em pouco tempo o turismo pode ser pelo nosso país, uma fonte de receita muito importante.

Há muito que fazer, se queremos ter turismo como Portugal merece. E' preciso que o turista encontre facilidades e economia, por forma a ficar no país, para o visitar, e não passar por êle a corrêr, quasi sem vêr nada.

Fica nas suas linhas gerais, esboçado um programa de realizações práticas, mas, que tendo muito a detalhar, é mais obra para trabalho de gabinete, do que para ser delineado aqui.

Ultimamente, um paquete em viagem exclusiva de turismo esteve em Leixões. Os turistas visitaram o Porto, seguiram depois dali em autocars visitando Curia, Bussaco, Coimbra, aonde passaram a noite, partindo no dia seguinte de manhã, para Alcobaca, Leiria, Batalha, Caldas da Rainha, onde almoçaram e terminando a viagem por Mafra, em visita ao Convento, Sintra, Cascais e Lisboa.

Nêste intervalo, veio o paquete para Lisboa esperar os excursionistas que vieram por terra. Aqui, visitaram êles, Lisboa, Sintra, Monserrate, Palácio de Sintra, Palácio da Pena e Parque, Capuchos, Cabo da Roca, Boca do Inferno, Cascais, Estoril, Jerónimos, Torre de Belem e Lisboa.

Tôda a gente seguiu encantada, e tudo isto, que é um exemplo a seguir, é uma boa propaganda feita por parte da Companhia dos Vapores que realizou a excursão, representando réclame feito em França sem dispendio nenhum para o nosso país. E isto é o que se chama turismo, pois turismo não é só vêr Lisboa, Sintra e Estoril. E' vêr o país. E é para que se veja o país, que devem ser encaminhados todos os esforços.

Tôdas as nações se preocupam com o desenvolvimento do turismo. A França, país do turismo por excelência, acaba de criar um Commissariado Geral do Turismo, e fazer a reorganização dos serviços administrativos do turismo, termalismo e climatismo.

O Commissariado Geral é encarregado de coordenar as actividades próprias ao desenvolvimento do turismo, dando-lhe o impulso necessário, e duma maneira geral, de tomar tôdas as iniciativas e tôdas as medidas em vista da organização do turismo.

Criou-se um Comité Consultor, encarregado de estudar as questões relativas ao assunto, assim como de dar a sua opinião sobre tudo quanto lhe fôr submetido pelo Ministro ou pelo Commissário Geral.

Este Comité Consultor tem uma secção permanente.

Acaba também a França de estabelecer comparação de tarifas quilo-métricas por via ferrea, entre diversas nações da Europa, para fazer notar que as tarifas francezas são mais baratas.

A título de exemplo, assinala que para uma distancia de 500 quilómetros, o preço de um bilhete de ida e volta, de 2.ª classe, é de frs. 243.25 em França, e de frs. 327.50 na Alemanha. Nos percursos inferiores a 1.000 quilómetros as tarifas de base dos caminhos de ferro francezes, são mais baixas que as dos outros, tais como a Itália. Além disto, chama-se em França, muito a atenção para as recentes simplificações que acabam de ser adoptadas pelos caminhos de ferro francezes, que não farão senão aumentar a vantagem, não temporária como antigamente, mas permanente dos bilhetes especiais, tais como: — cartas de meia tarifa, bilhetes circulares, excursões de fim de semana e de ida e volta.

Quanto aos preços de hotel e restaurante, baixaram em França, de 40 a 50 % para os estabelecimentos de 1.ª categoria, e 10 a 20 % para os estabelecimentos médios. Fazendo a comparação com os preços na Alemanha, Inglaterra e Espanha, os hoteis em França são mais baratos 25 a 10 frs.

Para uma cura termal com pensão, variam os preços entre frs. 1.300, e frs. 900, para 20 dias, na categoria média. Além disto, numerosas são as cidades, praias, etc., da França onde não é preciso dispendir frs. 60 por dia para se assegurar uma estadia agradável.

Como se vê, a França trabalha activamente para chamar para ella a atenção dos forasteiros.

Se faço estas referências, é por entender que no nosso país também haveria conveniência para os próprios hotéis que a atenção de alguns fôsse chamada para os preços que praticam. No interesse desses mesmos hotéis, estaria um estudo possível de diminuição de tarifas, sem esquecimento de que a propaganda dos nossos vinhos, e águas minerais, não se faz com os preços elevados que alguns hotéis levam por elles, nem se faz a propaganda, nem a venda, o que no fundo é mau para todos os interessados.

Não é segredo para ninguém, que há hotéis, nos quais se come muito bem e onde ha conforto por menos preço do que outros, e como é muito. simo melhor haver muitos hospedes, do que poucos, impõe-se que em conferências a realizar, se convençam os hoteleiros que disso necessitem, da conveniência em que se preparem para um desenvolvimento de negócios, por preços mais equitativos.

Muitos países se preocupam enormemente com o Turismo, procurando cada um tirar desta importantissima fonte de receita, quando bem aproveitada, o máximo de interesses.

O Comité Económico da Sociedade das Nações, constatando que o turismo internacional precisa de ser libertado de tudo quanto possam ser entraves, concluiu pela necessidade de estudos profundos, tendentes a:

- 1.º — Melhorar os métodos applicados ao estabelecimento de estatísticas turísticas;
- 2.º — Eliminação das formalidades inúteis ou excessivas, entravando o desenvolvimento do turismo ;
- 3.º — Estudo de programas comuns de turismo entre certos países.

Enquanto a Portugal, permitido me seja acabar esta já longa exposição, dizendo, de novo que há muito a fazer para que o turismo pela nossa terra, seja aquillo a que tem juz. E tomo a liberdade de indicar o que na minha modesta opinião se devia fazer para levar a bom termo os trabalhos práticos que há a realizar.

Incontestavelmente temos turismo que se pode chamar nacional, e turismo que se pode chamar internacional.

A meu vêr, é ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, até pela sua rede diplomática e consular, superintendência das Casas de Portugal, etc., que deve competir tudo quanto sejam trabalhos a realizar em Portugal e no estrangeiro, com relação a turismo internacional, para que nos visitem o maior número possível de estrangeiros.

E a parte interna, tendo a seu cargo todos os trabalhos de organização interior, estaria bem como dependente do Ministério do Interior, em relação directa e constante com aquella, e coadjuvando-se mutuamente, e com as Camaras Municipais, comissões locais de iniciativa, hotéis, etc.,

Era este o sistema que eu preconizaria para o nosso país, com duas pequenas comissões de competências, uma funcionando no Ministério dos Negócios Estrangeiros, e outra no Ministério do Interior, fazendo delas parte pessoas conhecedoras dos diferentes ramos que têm relações com turismo e cada uma daquellas comissões, com um muito pequeno Comité Executivo para todos os trabalhos de expediente, ou de aprovação superior.

Mas, se fôsse julgado preferível, por mais cómodo, uma simples comissão, e um simples comité executivo, não deveria deixar de ter a presidência no Ministério dos Negócios Estrangeiros, pois, no fundo, veja-se bem a questão, quem diz grande turismo, diz — Estrangeiros —.

Nenhum dos membros da Comissão ou do Comité ou Comitês seria remunerado pelos trabalhos que lhe competisse, pois tem que vêr-se a questão sob o ponto de vista patriótico, e não outro, e terminando devo dizer que o facto de neste modesto trabalho se fazer referências a largas organizações com companhias estrangeiras de vapores, etc., não quer dizer, despesas.

Toda aquella organização se pode estudar e estabelecer em Lisboa, com propaganda a fazer-se por todas as companhias, e Agencias de viagens.

Nisto, não há despesas para o Estado. Bastará, apenas, a boa vontade dos que trabalharem naquella organização com as agencias de viagens, companhias de vapores, companhias de caminhos de ferro na Europa, Casas

de Portugal em Paris, Londres e Anvers, para tudo ser pôsto em movimento prático.

O que é mister, é meter mãos á obra, de urgencia. Trabalhar patriótica e praticamente, aproveitando os magníficos recursos que o nosso país oferece, que são alicerces poderosíssimos para um bom turismo.

Não quero terminar este modesto trabalho, sem deixar consignada aqui uma referência especial que envolve as minhas felicitações a todos que têm contribuído para que o Estoril vá sendo a bela obra turistica que todos conhecemos, e que muito, mas muito largamente se pode desenvolver ainda, não só com a vinda de muitos turistas, como com o aproveitamento dos grandes nucleos de excursionistas, que os paquetes de Cruzeiros constantemente trazem, e isto uma vez bem organizados os programas de excursões.

O turismo bem encaminhado, bem dirigido e bem apresentado, representará uma importantíssima fonte de receita para a nossa terra, como está bem patente aos olhos de todos os portugueses que viajam, e sabem o que lá fóra se faz.

E é por eu conhecer Portugal e o estrangeiro, e saber o que lá fóra se pratica em prol do Turismo, que afirmo ser o nosso país um jardim privilegiadíssimo e fadado pela natureza para se cultivar em larguissima escala o Turismo, procedendo-se com urgência aos trabalhos precisos, lançando-se mãos á obra, para que os frutos comecem a colher-se já no próximo ano.

Tenho a honra de propôr ao Congresso, os seguintes votos:

- 1.º — A criação de um curso de hoteleiros nas escolas industriais elementares, para o efeito designadas pelo Min.º da Instrução Pública;
- 2.º — Uma comissão organizadora de excursões em que as empresas interessadas tenham representação;
- 3.º — A publicação periódica de folhetos de propaganda, artisticamente ilustrados e com os preços fixos dos hotéis e dos transportes através do país;
- 4.º — Remodelação das comissões de turismo no Min.º do Interior e Ministério dos Negócios Estrangeiros, com atribuições fixadas por lei e com as receitas necessárias para realizarem a propaganda turistica do país;
- 5.º — Criação de uma secção junto dos organismos officiais destinada a dar o seu parecer sobre a parte artistica de toda a propaganda para o estrangeiro.

Diogo J. de Mattos

SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Rua do Seculo, 59—LISBOA

